

SABERES TRADICIONAIS E ENSINO DE CIÊNCIAS: A PERCEPÇÃO DE UM PESCADOR DA COMUNIDADE DE VILA AMAZÔNIA EM PARINTINS/AM

Gelciane da Silva Brandão; José Vicente de Souza Aguiar;

(Universidade do Estado do Amazonas (UEA), brandaoanny@hotmail.com; Universidade do Estado do Amazonas (UEA), vicenteaguiar1401@gmail.com.)

Resumo: O artigo consiste num relato de experiência sobre Saberes Tradicionais e Ensino de Ciências a partir da percepção de um pescador da comunidade de Vila Amazônia no município de Parintins/AM. Os “conhecimentos tradicionais” ou “saberes tradicionais” se desenvolve por meio de anos de prática locais, no meio de uma cultura própria, em um espaço que possui seu tempo. De natureza qualitativa, o artigo é uma articulação que se subsidiada por uma análise bibliográfica acerca dos saberes tradicionais e Ensino de Ciências, tendo como método de pesquisa a Fenomenologia da Percepção. Os resultados apontam que a aquisição do saber tradicional possui raízes na infância evidenciadas em pequenas práticas cotidianas e também por meio da oralidade, em que são socializados os saberes sobre a dinâmica da natureza, neste caso sobre a interdependência da fauna e flora, ou melhor as relações dos peixes com os produtos da flora aquática. As experiências no uso dos recursos do ecossistema como um todo e suas relações sociais, são evidentes em diversas comunidades tradicionais; esse conhecimento ou saber, como aqui tratamos, são transmitidos entre gerações pelas atividades realizadas que requerem o compartilhamento de saberes. Contudo, recordar um saber e relacioná-lo ao que a Ciência apresenta como verdade demonstra a importância desse conhecimento para o ensino, como uma possibilidade de articulação entre saberes.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais, Ensino de Ciências, Pescador.

Introdução

As experiências de vida são fundamentais para a análise fenomenológica, sobretudo para o entendimento dos saberes tradicionais e a sua articulação ao ensino de Ciências, neste caso, o relato de experiência se deu a partir do conhecimento de um pescador da comunidade de Vila Amazônia, no município de Parintins – Amazonas.

O mundo percebido se realiza concomitantemente ao mundo vivido, considerando as realidades de natureza material e a não material, ou seja, entre o mundo percebido e o mundo imaginado apreendidos pelos sentidos.

O artigo representa como podemos aprender com os saberes tradicionais, mantidos e ensinados entre os membros da comunidade. Para Merleau-Ponty (1999, p. 05) o mundo existe antes que possamos fazer um diagnóstico. “[...] seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam as sensações, depois os aspectos perspectivos do objeto, quando ambos são justamente produtos da análise e não devem ser realizados antes dela”.

Metodologia

O tipo de pesquisa foi qualitativa, seguida de uma análise descritiva. O método de abordagem adotado foi o fenomenológico, pois o retorno aos próprios fenômenos do que trata Merleau-Ponty (1999) significa despertarmos uma sensibilidade para um mundo que é anterior ao conhecimento.

A bibliografia do artigo refere-se sobre: Saberes Tradicionais, de ALMEIDA et al (2010); Ensino de Ciências, DELIZOICOV; ANGOTTI & PERNAMBUCO (2011); e Fenomenologia da Percepção, de MERLEAU-PONTY (1999).

A organização do “roteiro” para o diálogo com o pescador denominado de “A Vida aos 49” se deu a partir da sequência de três dimensões: 1) a primeira sobre a vida comunitária, com enfoque nas crenças, lendas e hábitos alimentares; 2) a segunda sobre a percepção do pescador através das técnicas que envolvem a pesca; 3) as expectativas no âmbito da pesca.

Saberes Tradicionais

A década de 1980 marca importantes discussões que envolvem de acordo com Almeida et al (2010) o “ecossistema amazônico” e as imposições de desenvolvimento na Amazônia. Os movimentos sociais intervieram de forma positiva nesses debates, elevando a discussão que em grande parte não refletiam a realidade e o modo de viver das populações da região amazônica.

Em 2001, de acordo com Almeida et al (2010, p. 13) ocorreu a reunião de pajés na cidade de São Luís do Maranhão, onde diversos líderes elaboraram uma carta que foi enviada à Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI); os temas em pauta destacavam o seguinte que os saberes tradicionais envolviam:

- a) Recursos naturais das florestas tropicais, em particular da Amazônia, que estão sendo explorados industrialmente;
- b) necessidades de serem protegidos juridicamente os “conhecimentos tradicionais” para evitar a “biopirataria” ou “pirataria ecológica”, ou seja, para evitar que outros se apropriem ilegítima e ilegalmente destes “saberes nativos”.

É a partir dessa iniciativa que os saberes tradicionais e em especial os conhecimentos indígenas inauguram um novo momento de discussão diante aos conflitos socioambientais, principalmente frente às empresas de biotecnologia.

Em 2002 na cidade de Manaus/AM, ocorreu a

II Conferência de Pajés da Amazônia, tendo como tema: “Biodiversidade e Direito de Propriedade Intelectual, Proteção e Garantia de Conhecimento Tradicional”, como forma de fortalecer a reunião de 2001, ocorrida em São Luís/MA.

Segundo Almeida et al (2010) através dos debates, ficou esclarecido que os “conhecimentos tradicionais” não se limitavam apenas ao campo das ervas medicinais, mas compreendiam todos os procedimentos de uso dos recursos naturais aprendido com os antepassados, que não podem ser patenteados.

Ensino de Ciências

O Ensino de Ciências na educação passa por discussões, diante dessa perspectiva Delizoicov; Angotti & Pernambuco (2011) levantam o seguinte questionamento: Para quem ensinar Ciências? Torná-la universal e acessível a todos os níveis de ensino, e não um privilégio de poucos deveria ser o objetivo principal do ensino de Ciências.

O desafio de pôr o saber científico ao alcance de um público escolar em escala sem precedentes – público representado, pela primeira vez em nossa história, por todos os segmentos sociais e com maioria expressiva oriunda das classes e culturas que até então não frequentaram a escola, salvo exceções – não pode ser enfrentado com as mesmas práticas docentes das décadas anteriores ou da escola de poucos e para poucos. (DELIZOICOV; ANGOTTI & PERNAMBUCO, 2011, p. 33)

Essa falta de representatividade no ensino de Ciências revela que há uma necessidade de mudança, DELIZOICOV; ANGOTTI & PERNAMBUCO (2011). Essa mudança não ocorre de forma rápida, ela é uma construção coletiva, que envolve a atuação do professor nos diferentes níveis de ensino e, sobretudo, uma preocupação quanto à formação de professores de Ciências, que “[...] constituem *locus* privilegiado para que essa disseminação se intensifique, à medida que sistemática e criticamente o novo conhecimento produzido pela área de ensino de Ciências passe a permear as ações docentes”, (DELIZOICOV; ANGOTTI & PERNAMBUCO, 2011, p. 41).

Descrição do núcleo urbano de Vila Amazônia – Município de Parintins¹ – AM

A comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia está localizada a 5 km da cidade de Parintins/AM. De acordo com Silva (2009), consiste na sede/núcleo populacional da Gleba de

¹ Município brasileiro, localizado a 365 km em linha reta da capital Manaus do Estado do Amazonas. (83) 3322.3222
contato@joinbr.com.br

Vila Amazônia, com acesso somente por via fluvial.



Foto 01: Vila Amazônia.
Fonte: Brandão, Gelciane, 2017.

A paisagem acima corresponde a visão da Vila Amazônica em época de cheia do Rio Amazonas, cujas águas sobem e invadem parte da frente. De acordo com Homma et al (2011, p. 121), a colonização em Vila Amazônia teve início “com a concessão de um milhão de hectares de terra do governo amazonense aos japoneses, após a visita do embaixador do Japão Hichita Tatsuke, em 1926”, desse processo de colonização restam algumas ruínas, dentre as quais: lápides no antigo cemitério japonês; na imagem abaixo podemos identificar o nome de um dos japoneses, Sr. Akio Oti que fixou residência na Vila Amazônia.



Foto 02: Ruínas do cemitério japonês.
Fonte: Brandão, Gelciane, 2017.

Além do cemitério, há ruínas de um Centro Social e de uma antiga caixa d'água, local onde os técnicos Emon Araki e Ken'ichi Hiuchi em 12 de setembro de 1931 semearam a juta, dando início a plantação experimental na Vila Amazônia; Homma et al (2011); no local foi construída em 1999 uma praça, em homenagem aos

80 anos de imigração japonesa no estado,



Foto 03: Ruínas da Caixa d'água.
Fonte: Brandão, Gelciane, 2017.

Ao andarmos pelo núcleo urbano de Vila Amazônia, ainda podemos ver prédios históricos portugueses, como o casarão do empresário J. G. Araújo.



Foto 04: Casarão do empresário J. G. Araújo.
Fonte: Brandão, Gelciane, 2017.

No casarão que fica às margens do rio Amazonas, é possível ver azulejos e pinturas que vieram diretamente de Portugal, HOMMA et al (2011). A Vila Amazônia é também denominada nos documentos oficiais de Assentamento da Gleba de Vila Amazônia, sua característica de ocupação, se deu por meio do processo de colonização do Brasil, segundo relatam Rodrigues e Albuquerque (2005, p. 12):

Diante do processo de colonização do Brasil as perspectivas de aumentar e se expandir às relações do campo eram inúmeras, de acordo com a política brasileira de aceitação de imigrantes como mão de obra, o que vinha ao encontro das necessidades expansionistas do Japão, assim, durante a República Velha o Governo concedeu um milhão de hectares de terra amazonense ao senhor Yamanishi, grande empresário japonês, em acordo com embaixador desse país que se

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

interessou na vinda de famílias japonesas para o Amazonas. Conforme o contrato assinado em 11 de março de 1927, a Vila Batista (antigo nome de Vila Amazônia) foi destinada a colonização japonesa, lugar este escolhido por ser um terreno aluvial propício a jiticultura, uma vez que, o mercado da indústria têxtil era promissor.

De acordo com Medeiros (2013), esse processo de colonização enfraqueceu com o advento da 2ª Guerra Mundial, cujos japoneses foram perseguidos e alguns expulsos do Brasil; e nas décadas de 1950 e 1960 o empresário português J. G. Araújo comprou as terras de Vila Amazônia para produzir juta, criar gado e realizar processos extrativistas em geral; todas essas ações ocorreram no que hoje é o núcleo urbano de Vila Amazônia. “Em fins da década de 80 temos, então, nova intervenção com o INCRA e a formação de um dos maiores assentamentos rurais da Amazônia”, (MEDEIROS, 2013 p. 02).

Assim teve início o processo de ocupação da Vila Amazônia, agora denominado Projeto de Assentamento da Vila Amazônia, com uma área de 78.270 hectares, com cerca de 43 comunidades rurais. “As comunidades existentes possuem 469 lotes medidos e demarcados, nos quais residem mais de 320 famílias, sendo a maioria de parceiros do projeto, tendo também 42 lotes destinados a núcleos urbanos, que servem as Comunidades, Associações, Núcleos e Colônias”, (RODRIGUES E ALBUQUERQUE, 2005, p. 12).

A vida comunitária, por meio das crenças, lendas, hábitos alimentares

Neste artigo usamos o termo “agente social” para a pessoa que compõem a pesquisa, a partir do que discuti Pierre Bourdieu (2008), que enfatiza que a relação do indivíduo acontece através das situações objetivas que ocorrem no espaço social, através de hábitos que norteiam suas práticas sem que se perceba, é algo que transcende a razão, é uma escolha feita inconscientemente.

O relato de experiência se deu a partir da percepção do agente social (A vida aos 49), lembrando seu primeiro contato com a prática de pesca. No relato diz o seguinte:

Desde criança aprendi a pescar, nessa vida de interior já foi assim, como nossos pais ensinavam pra gente. Desde os sete anos eu começava a ir com meu pai acompanhar ele, eu era o filho mais velho e já ia com ele na pescaria. Ele falava para eu ter cuidado, não fazer barulho para não espantar o peixe, esses cuidados do pescador, tem que está no silêncio, fazer conforme a experiência da vida (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

Quando o agente social se expressa “[...] aprendo a pesca, nessa vida de interior”, é uma das formas utilizada para classificar quem mora

na cidade, ou em comunidades rurais na Amazônia, também chamadas de interior, expressa ainda que a pesca demanda tempo e sobretudo dedicação, não é, portanto, uma atividade fácil. “Essa pequena incursão nos leva a compreensão de que um pescador completo, um pescador que conhece os segredos dos rios, paranás, igarapés, furos, lagos etc, não se constitui do dia para noite”, (WITIKOSKI, 2007, p. 293).

Quando perguntamos ao agente social como aprendeu as primeiras técnicas da pescaria, ele foi enfático ao relatar que:

A gente ouvia os mais velhos conversando; ainda criança eu ficava prestando atenção para aprender; quando ia com meu pai procurava fazer aquilo que eu tinha ouvido. Eu ajudava a levar os materiais até a canoa, como o remo, a panela onde cozinha a comida na pescaria, a sacola com roupa, a lamparina e outras coisas pequenas (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

Há nessa atividade um princípio de intencionalidade, onde o agente social da Amazônia inicia o processo de transmissão de saberes pelas atividades mais básicas, através da vivência, percebendo que todos esses elementos são essenciais a construção desse saber na prática. São conhecimentos aparentemente simples, mas primordiais para quem vive em um ambiente como a Amazônia, onde os recursos que subsidiam a *sobrevivência*, advêm da natureza.

Outro fato observado através da entrevista é a *divisão social do trabalho*, cuja pesca consiste em uma atividade essencialmente do sexo masculino; mas existem atividades que são desenvolvidas por homens e mulheres como é o caso da agricultura. Na infância as meninas passam por uma socialização na pesca, mas não possuem a mesma relação que os meninos, pois existe ainda uma crença relacionada a *sexualidade*, como destaca o agente social (A vida aos 49):

As meninas não vão pescar, porque pode trazer a panema², e não pode passar por cima da malhadeira se ela tiver moça³; se isso acontecer pode ter certeza que a gente não pesca nada”, (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

As crenças fazem parte do imaginário dos agentes sociais da Amazônia, e resistem a gerações, fazendo com que existam dois mundos nesses ambientes, como destaca Witikoski

² Termo utilizado para pescador que não tem bom desempenho na pescaria. “De um modo geral, na Amazônia, panema é um estado de morbidez que se caracteriza por má sorte, azar, infortúnio, que vira uma espécie de feitiço, e que impede o indivíduo de ser bem-sucedido, nas atividades que costuma fazer – seja ela a pesca ou a caça”, (WITKOSKI, 2007, p. 294).

³ Relativo a mulher que está no ciclo menstrual.

(2007, p. 294): “não é possível desconsiderar o papel imagético que tem o fenômeno da panema na conservação da divisão sexual para determinados tipos de trabalho, na família camponesa – afinal de contas, a pesca é uma atividade do *mundo de fora*”. Para o ensino de ciências, a possibilidade de articulação desses saberes necessita de um contato prévio, pois os temas surgem de maneira subjetiva.

A percepção do pescador através das técnicas que envolvem a pesca

A atividade do pescador da Amazônia se constitui através de diversas técnicas, que unidas se constroem através de uma subjetividade de fatores, onde os sentidos fazem parte desse processo. Para compreendermos o universo da pesca do agente social (A vida aos 49) perguntamos qual a época e o melhor horário para a pescaria:

Na cheia, porque os peixes migram de um local para o outro. Geralmente bem cedo, na saída do peixe, debaixo do capim, do igapó. Geralmente, às 4h da manhã eles (os peixes) saem para procurar o que comer, aí é o momento que o pescador encontra ele, mas tem vezes que a gente deixa a malhadeira a noite toda e cedo vamos ver se pegou alguma coisa; por volta das 4h da tarde também é bom para pescar, a gente aprendeu observando, convivendo e ouvindo os dizeres dos nossos pais que quando conversavam, a gente ficava prestando atenção (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

O conhecimento tradicional tem uma história centrada na experiência de vida em que há um vínculo de conhecimentos transmitidos por meio de gerações, o que possibilitou conhecer que os períodos de: enchente e/ou cheia ocorrem de (dezembro a julho/estação de inverno) e, de vazante e/ou seca de (agosto a novembro/estação do verão). Para o Ensino de Ciências essas abordagens estão na discussão possibilitando serem articuladas por exemplo, quando se ensina sobre: relevo, água, são fenômenos que estão diante da realidade do aluno de comunidades amazônicas.

Observamos que há um saber intrínseco dos tipos de peixes, seus períodos de produção e reprodução, e a “[...] diversidade de ecossistemas e das espécies que cada um deles comporta”, (WITIKOSKI, 2007, p. 293), que podem ser articulados e discutidos de duas formas, uma pela forma como a ciência observa esses fenômenos, a outra pelas descrições realizadas pelos conhecimentos tradicionais.

Os sentidos são usados de maneira a possibilitar ao pescador como perceber e encontrar os peixes ao longo da sua trajetória de vida de pescador. Nesse sentido, destacamos a fala do agente social (A vida aos 49) sobre a pescaria

no passado e nos dias atuais:

No passado utilizávamos só o anzol, a flecha, (com bico produzido de ferro, ou de madeira. A gente fazia o bico. Ficávamos na árvore e observava o cardume, atirava no maior, a gente usava a tarrafa (o arreo daqui era a tarrafa⁴), bem difícil ver uma malhadeira. A canoa era nosso meio de transporte; rabeta⁵ não existia naquela época. Hoje eu uso a canoa com rabeta, malhadeiras. Hoje as vezes há necessidade de pescar para mais longe porque fica difícil encontrar peixe, lá no lago do Macuricanã, a viagem dura umas 6h. Tem uns lagos que dá umas 2h, já são bem maiores, mas também há perseguição, porque são muitas comunidades que se utilizam de lá, antigamente não tinha isso, (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

Através da fala do pescador, fica evidente que houve uma mudança nos instrumentos de pesca, resistindo a canoa como *meio de transporte* e também para uso da pesca. Observa-se ainda que há uma preocupação, quando revela que antigamente não era necessário ir em locais distantes para pescar, esse fato se deve a escassez de peixe; e que hoje há conflitos quando se pesca em um lago de determinada comunidade. Para o ensino de ciências essa articulação poderia ser voltada por exemplo, quando se realizam abordagens sobre os conceitos de preservação e conservação. Segundo Witikoski (2007) esses conflitos surgem porque pescadores urbanos não levam em consideração a reprodução como um meio de garantir a manutenção das espécies.

Percepções e expectativas na pesca

Através deste relato foi possível extrair a percepção do pescador sobre temas como: a carência de pescado e quais os fatores que influenciam esse processo. O agente social (A vida aos 49) fez o seguinte relato:

Antigamente não moravam muitas pessoas na Vila Amazônia, então acredito que o aumento da população, o desmatamento da mata ciliar da beira do rio são fatores que levam a falta de peixe. Quanto mais gente tiver, tem mais necessidade de explorar. Antigamente a frente da cidade tinha uma grande quantidade de vegetação e hoje bem pouco se vê. A gente pescava para se manter, só para aquele dia porque não tinha energia elétrica, e não tinha como conservar o peixe. Às vezes a gente salgava, mas não era necessário porque tinha muito. Mas hoje não é mais assim, tem luz elétrica, e a gente pode pescar e congelar o peixe para se alimentar. (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

⁴ É um apetrecho confeccionado com linha 18 ou 24, dois carros de linha nylon ou mica. Para jogar a tarrafa o homem fica em pé na proa da canoa, arruma a tarrafa no braço direito ou esquerdo e com o outro segura o cabo, joga a tarrafa em forma de círculo para a mesma cair aberta em forma de círculo para retirar o pescado. (COUTO, 2007, p. 94).

⁵ Motor a combustão de pequeno porte fixado na parte de traz da canoa que a move nos deslocamentos pelos rios da região. (83) 3322.3222

O crescimento populacional e os aspectos de urbanização são tratados pelo agente social (A vidas aos 49) como um dos fatores negativos na reprodução dos peixes, visto que aumentou a procura por eles; uma outra percepção que nos chama atenção é a observação feita em relação a mata ciliar, que são as matas que protegem as margens de rio. A chegada do “progresso” através da luz elétrica possibilitou uma nova dinâmica do viver na Vila Amazônia, modificando o hábito de pescar que antes era somente para a subsistência.

Através da fala do pescador, podemos extrair diversos temas que podem ser articulados ao ensino de ciências; o crescimento populacional; o desmatamento, a reprodução de espécies de peixe, são abordagens e preocupação da ciência

Quando perguntado sobre quais as perspectivas que o agente social (A vida aos 49) possuía quando saía para a pesca ele respondeu o seguinte:

A gente tem aquela coisa de sempre encontrar os peixes melhores, curimatã, o tucunaré, o tambaqui, esses peixes mais visados e melhor para o comércio são sempre esses que o pescador quer capturar. Antigamente a gente escolhia qual a qualidade de peixe queria, hoje não; é difícil encontrar, tem muitos pescadores com barcos e malhadeiras grandes, isso prejudica a pesca, e nós que precisamos também, porque é nosso alimento. (PESCADOR ENTREVISTADO, A vida aos 49 anos, diálogo realizado em 18 de maio de 2017).

Observamos que o objetivo da pesca deixa de ser somente para a subsistência e passa a ter um sentido de *comercialização*, cujos conflitos com barcos de pesca maiores influenciam na dinâmica da pesca. Através do saber adquirido na vida, o pescador sabe – assim como a ciência que o peixe se constitui em um alimento com valor capitalista; assim como a pesca predatória é prejudicial para o ecossistema.

Considerações Finais

O artigo é um relato de experiência sobre: “Saberes Tradicionais e Ensino de Ciências: a percepção de um pescador da comunidade de Vila Amazônia em Parintins/AM”. Na educação escolar, a ciência precisa ser vista como uma alternativa de mudança, e não somente como uma abstração do belo, onde a figura central é o cientista.

Por muito tempo, quando falávamos sobre ciência, internalizávamos a imagem de equipamentos e pessoas em laboratórios à procura de alguma cura para determinada doença. Hoje em dia a ciência ainda é feita assim, dentro desses espaços, mas na escola ganha uma nova dimensão, um olhar interdisciplinar e desafiador.

Para Freire-Maia (1998, p. 43), “a ciência é um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos etc., visando ao conhecimento de uma parcela da realidade”.

Contudo, o relato de experiência para o ensino de Ciências apresenta-se como possibilidades de articulação da ciência formal aos conhecimentos emergentes dos “saberes tradicionais”. Os resultados apontam que a aquisição do saber tradicional possui raízes ainda na infância através de pequenas práticas, mediado pela experiência e a oralidade, além disso, as técnicas de percepção na atividade é uma das formas de construção desses sujeitos em práticas como a pesca.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José. Vicente. de S. & Barbosa, I. dos S. & Costa, M. G. da. **Temas sobre educação e ensino de ciências: possibilidades e perspectivas.** In: Ideias de identidade e educação na Amazônia. Manaus/AM: UEA Edições. 1ª Ed, 2015.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas.** Manaus: PPGAS-UFAM/NSCA-CESTU-UEA Edições, 2010.

BRASIL. **Portaria nº 2.866 de 2 de dezembro de 2011.** Brasília. 2011.

COUTO, Raul Chucair de. **Plano municipal de desenvolvimento rural sustentável.** Manaus: IBAMA/ProVárzea, 2007.

DELIZOICOV, D. & ANGOTTI, J. A. & PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez. 4ª ed, 2011.

FREIRE-MAIA, N. **A ciência por dentro.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

HOMMA, Afredo Kingo Oyama Homma; FERREIRA, Aldenor da Silva Ferreira; FREITAS, Marlene Corrêa da Silva Freitas; FRAXE, Therezinha de Jesus. **In: Parintins e Vila Amazônia: Uma história de Construção de Vida Urbana de Imigrantes Nipônicos.** (SOUZA, José Camilo Ramos). Manaus: Edua, 2011.

MEDEIROS, M. X. de. **Memórias, Histórias e Reforma Agrária em Vila Amazônia (Parintins/AM).** Em: VII Encontro Regional Sul de História Oral: História oral e a integração latino-americana, 2013. Foz do Iguaçu - Paraná. Disponível em: http://www.sul2013.historiaoral.org.br/resources/anais/5/1377273194_ARQUIVO_EncontroSuldeHistoriaOral2013.pdf. Acesso em 13 de abril de 2017.

PONTY, MERLEAU. **Fenomenologia da percepção.** [Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. – 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

RODRIGUES, J. R. & ALBUQUERQUE, C. C. de. **Assentamentos Agrários da Gleba de Vila Amazônia em Parintins.** Em: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo – Brasil. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cac>

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

he:uvnzowGz-

0UJ:observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/GeografiaAgraria/15.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. 2005. Acesso em 13 de abril de 2017.

SILVA, Charlene Muniz da. **Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia.** (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus: UFAM, 2009.

WITIKOSKI, Antonio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais.** São Paulo: Annablume, 2010.

